

REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE SÃO PAULO

ANO CXXI - VOLUME XCIX



SÃO PAULO - 2015

**REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE SÃO PAULO**

ANO CXXI – VOLUME XCIX



São Paulo - 2015

SUMÁRIO

I – DOSSIER ESPECIAL – IHGSP: 120 ANOS

“Uma instituição fortemente dinamizada pela reflexão histórica e memorialística”

Nelly Martins Ferreira Candeias 13

“Um povo sem memória é um povo fadado a desaparecer”

Ives Gandra da Silva Martins 21

Saudação aos novos membros do IHGSP

Armando Alexandre dos Santos 27

Palavras do General João Camilo Pires de Campos

em nome dos novos sócios que tomaram posse 35

II – ARTIGOS

O governador de São Paulo Antônio José da Franca e Horta

– Subsídios para a sua biografia

Lourenço Correia de Matos 43

Importância nacional brasileira e internacional da Língua Portuguesa

Maria Cecília Naclério Homem 71

A Revolução Paulista de 1932

André Ramos Tavares / Paulo Adib Casseb 101

Euclides no Instituto Histórico

Neldson Marcolin 111

História da Imprensa em Iguape

Roberto Fortes 121

III – DISCURSOS – TRANSCRIÇÕES – RESENHAS

Franceses destacados: Garraux, Gazeau, Duchen e os Bourroul em Piratininga

Duílio Crispim Farina 137



“UM POVO SEM MEMÓRIA É UM POVO FADADO A DESAPARECER”

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
(sócio titular do IHGSP)



- Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, Profa. Nelly Candeias, a quem muito o Instituto deve, pois hoje estamos num revigorar do Instituto graças à nossa presidente;
- meu contemporâneo de faculdade, de quem eu fui calouro, Prof. José Gregori;
- meu queridíssimo amigo General Pires de Campos, ao qual tantos fatores me unem em nível de amizade;
- minhas Senhoras e meus Senhores, homenageados e novos membros do Instituto.

Vou começar a partir do ponto em que a nossa presidente terminou. Eu, apesar dos meus setenta e nove anos de idade, continuo otimista, embora reconheça que vivemos um momento difícil no ponto de vista da família. Quero lembrar que a Constituição, no capítulo “Da Família”, artigo 226, declara que a família é a base da sociedade e o Estado tudo fará para protegê-la. Embora haja muitas distorções de “família” – como nós vamos vendo pela imprensa, pelos movimentos assuados daqueles que pretendem dar outro contorno à família – a família sempre foi a base da sociedade, o Instituto sempre o defendeu. Nós estamos em uma Igreja em que a família é a própria essência da razão de ser de uma sociedade e como nós vivemos num Instituto de História temos que relembrar a História. Todos aqueles que examinam os historiadores do passado verificam que há momentos na História em que se tem a impressão que a família está desaparecendo. Se nós verificarmos a fase final de Atenas, no período em que perdeu a guerra do Peloponeso, havia uma tendência para o homossexualismo predominante, e nós estamos com um movimento muito semelhante aqui em nossos dias. A família também estava desfigurada quando



houve a queda do Império Romano; isso nós verificamos em Políbio, quando ele faz menção à desfiguração da família, porque as mulheres perderam o sentido da importância da mulher numa família, e Daniel-Rops conta a história desse fim de uma era. Em diversos momentos da história ocorreu a desfiguração da família, mas o sentido de família é muito mais amplo. A própria Igreja, quando defende a família como a razão de ser, ela sempre se revigora, e nós temos sempre movimentos que vão fortalecendo a família. Quando os jovens dão a impressão de que estão em caminhos diferentes daqueles, nós vemos movimentos – nos Estados Unidos, na Europa – de jovens que resolvem casarem castos, de jovens que fazem movimentos, que defendem princípios. Estou sempre em contato com os jovens, pois sou professor desde 1954, estou sempre convivendo permanentemente com jovens e, apesar dos meus setenta e nove anos, eu me revigoro cada vez que estou com eles,

Como dizia aquele grande filósofo Vico, o mundo evolui, *corsi e ricorsi*, em espirais, e sempre a espiral mais baixa de um determinado período é mais alta que a parte mais baixa da espiral anterior. Por isso, presidente Nelly, estou convencido de que, com pessoas como estas aqui presentes nesta sessão do Instituto Histórico e Geográfico, com a defesa da família que a senhora acaba de fazer, com esses movimentos de jovens a que me referi, por tudo isso estou convencido de que o momento atual é difícil, o Ricardo [Viveiros de Paula] sabe bem disso, mas é um momento em que nós vamos novamente começar a crescer nessa espiral. E o Instituto tem um papel importante, como disse a presidente Nelly.

Outro aspecto que me parece importante também realçar, e aí praticamente eu começo o meu breve discurso, é a importância do Instituto Histórico e Geográfico na história de São Paulo.

Está aqui presente o José Horácio [Halfeld Rezende Ribeiro], meu presidente no Instituto dos Advogados de São Paulo, entidade ainda mais antiga que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, pois foi fundada em 1874 pelo Barão de Ramalho. José Horácio talvez seja o mais jovem presidente da história do Instituto dos Advogados, enquanto eu sou o decano dos presidentes, o mais antigo dos ex-presidentes do Instituto.

É interessante vermos a busca de cultura dessa cidade maravilhosa que é

a cidade de São Paulo. Quando foi fundada a Faculdade de Direito nós éramos um pequeno povoado. Álvares de Azevedo dizia que ele se sentia vivendo na periferia de São Paulo, porque ele vivia na Rua da Glória... Quando a Universidade Mackenzie foi fundada, em 1870, havia vinte e cinco mil cidadãos na cidade de São Paulo. Hoje, só a universidade tem o dobro disso, entre corpo docente e discente.

Quando o Instituto dos Advogados foi fundado em 1874, São Paulo era também um pequeno vilarejo; e só não foi fundado em 1843, quando foi fundado no Rio de Janeiro, porque o Imperador D. Pedro II, que frequentava as sessões do Instituto de Advogados Brasileiros, dizia que precisava de uma casa lá, e nós dizíamos que não precisávamos aqui, porque já tínhamos a Faculdade de Direito em São Paulo, ao lado da Igreja de São Francisco.

Com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico, reunindo os nossos historiadores, os nossos intelectuais, todos os grandes intelectuais que passaram pela Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, formou-se em São Paulo a segunda grande Casa de cultura. A terceira grande Casa cultural de São Paulo seria fundada em 1909: a Academia Paulista de Letras, da qual tenho um grande confrade aqui presente, José Gregori.

Esse trio de entidades culturais formataram a cultura de São Paulo no século XX:

– O Instituto dos Advogados, casa do Jurista (a OAB é a casa do Advogado, o Instituto é a casa do Jurista);

– O Instituto Histórico e Geográfico, porque um povo sem memória, sem história não existe, é um povo fadado a desaparecer; é a memória que vai ensinando aos que vêm aquilo que os passados, os pretéritos, os maiores fizeram; e essa memória o Instituto a preserva com a qualidade de todos os seus membros (são muito poucos os que tomam posse todo ano; não é que seja um instituto elitista, mas é um instituto que privilegia os verdadeiros historiadores);

– A Academia Paulista de Letras, onde se reúnem juristas, poetas, historiadores, médicos – [Guido] Palomba e Hélio [Begliomini], aqui presentes, sabem que temos sempre médicos – e sacerdotes, representa a terceira via da cultura de São Paulo.

Essas três casas culturais permitiram formatar talvez o maior povo dentro



dos povos brasileiros. Alfredo Ellis Júnior, que foi membro do Instituto, e Myriam Ellis, sua filha e nossa confreira na Academia Paulista de Letras, falam numa civilização paulista com razão, porque existe efetivamente uma civilização, que nasce em 1554; que através do bandeirismo consegue em pleno período colonial estender as fronteiras do Brasil muito além do que estabelecia o Tratado de Tordesilhas; e que, depois da Proclamação da Independência, durante o Império e no século XX continuou empurrando, com a agricultura e a indústria de São Paulo, o Brasil para a frente.

Nós temos que ter orgulho do nosso passado e esta Casa é aquela que preserva este orgulho da história de um povo que, quando fez a Revolução de 1932, o que pretendeu foi impor uma Constituição brasileira, porque a Constituição de 1891 era uma Constituição copiada dos americanos. Rui Barbosa, admirador da Constituição americana, influenciou os outros membros da Constituinte a adotarem um modelo americano. Foi, a Constituição de 1891, uma Constituição outorgada; a primeira Constituição republicana os paulistas conseguiram em 1934, como efeito da epopeia de 1932; embora tenha durado apenas três anos, serviu de modelo para a Constituição de 1946 e continuou servindo de modelo para a Constituição de 1988. É de rigor nós termos orgulho de nossa gente, cuja história é preservada pelo nosso Instituto.

Para não prolongar demais estas palavras, eu gostaria de terminar fazendo uma breve referência ao meu queridíssimo amigo General João Camilo Pires de Campos. Descobrimos que temos muito em comum até familiarmente. Ele nasceu por acidente em Campinas, porque moravam os seus pais em Monte Mor e levou o seu pai a Campinas, a um hospital para que ele nascesse, de tal maneira que é campineiro de nascimento, mas é de Monte Mor de coração. Minha mulher nasceu em Monte Mor e as casas dos Pires de Campos e dos Salles Vidal eram casas na mesma praça, com duas ou três casas de distinção. E a certidão de nascimento de minha mulher foi o pai do General que firmou, por ser o notário em Monte Mor.

Nós tivemos também inúmeros contatos quando o General comandou a Escola de Comando do Estado Maior do Exército. Sou um velho professor dessa Escola, lecionando naquele curso CPEAEx (Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército), que é chamado a escola dos generais e

daqueles coronéis que serão escolhidos no fim do ano gerais.

O General Pires de Campos teve uma carreira brilhante. Nascido em 1954, preservador de família, casado há quarenta e poucos anos com Dona Mara, com dois filhos, conheci a sua senhora, numa palestra estivemos juntos. Pires de Campos defende a família, é um historiador extraordinário, uma carreira militar brilhante.

Temos aqui um Major Brigadeiro e um Vice-Almirante, representando as autoridades máximas das Forças Armadas no Estado de São Paulo presentes; sabem perfeitamente que o General Pires de Campos foi aquele que trabalhou, já como general de brigada, de divisão e de exército num diálogo maior entre as diversas Armas da República. Sou professor também, não há 25 anos, mas há 15 anos, todo ano indo ao Rio de Janeiro, na Escola Superior de Guerra, que no momento era comandada por um Almirante de Esquadra.

O General foi um dos que mais lutou por esse diálogo importante, inclusive nos meios de comunicação, através da criação de um noticiário para que se percebesse mais a importância do papel das Forças Armadas. Lembro, a propósito, que a única vez que, na Constituição Brasileira (composta por 250 artigos e mais 97 de disposições transitórias) aparece a palavra Pátria é no artigo 142, que cuida das Forças Armadas. Aí se fala da defesa da Pátria, e se atribui às Forças Armadas o papel de defendê-la contra o inimigo externo e assegurar as instituições, baseado na disciplina e hierarquia.

Temos, no General Pires de Campos, não só um militar que fez uma carreira brilhante por comandar o Sudeste, mas um historiador.

Quando eu escrevi uma pequena história de São Paulo, não conhecia ainda o General Pires de Campos. Minhas posições históricas são muito pessoais, costume dizer que nem são minoritárias, são “unitárias”, só eu as defendo... Mas uma das teses que eu defendi é que São Paulo perdeu a Batalha de M’Boororé, em 1641, quando praticamente termina o bandeirismo de apresamento, pela briga, pela guerra entre os Pires e os Camargos. As duas famílias tradicionais aqui do burgo de São Paulo tinham que fazer o bandeirismo de apresamento, como dizia um famoso historiador paulista, em busca dos remédios para suas insuficiências. A verdade é que os Pires e os Camargos formaram a história de São Paulo. O general Pires de Campos é descendente dos Pires e



dos Camargos. Então, ele é um historiador, conhece a história profundamente, mas, mais do que isso, ele descende diretamente de duas famílias que formaram a História de São Paulo. Tivemos um programa de televisão juntos onde só falamos de História, da História de São Paulo e ele demonstrou na televisão os seus profundos conhecimentos.

Caberá ao meu querido amigo Alexandre, ao meu confrade Alexandre, a saudação dos demais homenageados e demais empossandos no dia de hoje, mas eu tinha que terminar esta oração com essas palavras pessoais a um queridíssimo amigo, um grande historiador, um humanista, um general capaz de efetivamente defender a pátria, as instituições de que nós estamos precisando, instituições que foram tão enxovalhadas nesses últimos tempos com todas as notícias que aparecem [palmas] que precisamos de pessoas, que, defendendo a democracia – porque ele é um democrata – entretanto dê exemplo moral para uma nação que está precisando de exemplos.

Por isso, meu caro General Pires de Campos, é com muita alegria que em nome do Instituto eu pessoalmente, pela amizade que nos liga, queria dizer que nós nos sentimos engrandecidos de tê-lo hoje como nosso confrade¹.



¹ O texto deste discurso, pronunciado de improviso, foi extraído da gravação e é aqui publicado, sem revisão do orador. O título também foi destacado, do texto, pela editoria da RIHSP.

SAUDAÇÃO AOS NOVOS MEMBROS DO IHGSP

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS
(sócio emérito do IHGSP)



- Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, Presidente do IHGSP,
- Sr. General-de-Exército João Camilo Pires de Campos, Comandante Militar do Sudeste,
- Demais autoridades civis e militares aqui presentes,
- Minhas Senhoras, meus Senhores,
- E, de modo muitíssimo especial, os novos membros que hoje estão adentrando

esta Casa de cultura paulista e que fui incumbido de saudar, nesta sessão realizada com tanto esplendor, nesta belíssima Igreja da antiga e venerável Ordem Terceira de São Francisco de Penitência, num local de tão grande significado religioso e histórico para São Paulo.

Confesso que não entendi bem, num primeiro momento, por que fui convidado, pela nossa Presidente, a saudar os novos membros. Sempre entendi que a saudação aos novos membros deve ser feita pelos mais antigos. É curioso, é até engraçado que como o ser humano resiste ao envelhecimento. Ele se aferra ao passado, à juventude, como se esta fosse eterna, e não se dá conta de que o tempo vai, inexoravelmente, seguindo o seu curso... Só quando parei um pouco para pensar é que me dei conta de que a Dra. Nelly me chamou, não por merecimento, mas por antiguidade, precisamente porque já sou dos mais antigos.

Ingressei no Instituto Histórico há perto de 21 anos. Eu era ainda bem jovem, acabava de completar 40 anos. Fiz parte da última turma de ingressantes no primeiro século de existência do Instituto. Poucas semanas depois, este